

■ DOSSIÊ - RELATOS DE EXPERIÊNCIA

■ Escola do Campo: No campo da Escola Classe Córrego Barreiro, Gama, Distrito Federal

 Núbia Dias Abreu*

Este relato de experiência nasceu de inquietudes brotadas em discussões durante o percurso da formação continuada realizada no Centro de Aperfeiçoamento dos Profissionais de Educação da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (EAPE/SEEDF), nas aulas dinamizadas pela equipe de formação em Educação do Campo. Nós, orientadores educacionais e professores participantes e frequentes do curso buscávamos a compreensão intrínseca do conceito de Educação do Campo e da construção do inventário da escola do campo.

Nesse contexto as/os cursistas, que há bastante tempo já atuavam na Escola Classe Córrego Barreiro, situada na DF 180, regional do Gama, compartilharam todos os materiais elaborados a partir do estudo sobre a escola do campo, tais como: dados levantados para composição do inventário, além de mapas e desenhos produzidos por professoras/es e estudantes. Senti aqui um “friozinho goiano” e lembrei essa poesia escrita por mim em 2011:

Quem acredita?

Quem acredita...

Não sei! Sei que prossigo descobrindo que tudo que sei ainda é insuficiente, mas, que o terreno fértil está à frente.

Caminho na educação, que iniciou suave pelo exemplo de dona Carmelita e vovó Ana, que sem formação pedagógica, lá na roça percorria o terreno da espontaneidade,

ensinando sem vaidade a mim que ainda na época era só vivacidade.

Sigo em frente, relutando com as dores que deveras sinto de verdade.

Sem qualquer maldade, apropriando do conceito de que educação... é:

amor, dor, fervor, grito, libertação, revelação, inconclusão!

Eterno início e reinício.

Esse percurso de afetividade reverberado no esforço em dar exemplos de perseverança.

Será que há como provocar alguma mudança?

Mudança ao menos em pequenos sentimentos de desconfiança com provocações aos seres que pelos rizomas do destino cruzam os meus caminhos não poucos cheios de espinhos.

Com as lembranças de origem campesina ao longo das aulas-ricamente conduzidas por estratégias criativas pelas formadoras, que sempre nos inquietavam a respeito da história das lutas pelas terras e da linha do tempo dos movimentos que marcam a história dos movimentos sociais do campo, emergiu em nós a guerrilha interior de “lutar contra os despejos rurais, contra o uso da pressão e da força para obrigar os posseiros a venderem suas posses e contra a grilagem de terra” (ESPINDOLA et al., 2011, p. 16). Isso tudo direcionado à construção de momentos que considerassem as especificidades da comunidade Escola Classe Córrego Barreiro.

* Núbia Dias Abreu é graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Goiás (1999) e mestre em Ciências da Educação pela Universidad Evangélica del Paraguay-Assunción (2009). É orientadora educacional na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, e professora especialista na função de assessora pedagógica no Centro de Formação dos Profissionais em Educação - CEFOPe da Secretaria Municipal de Educação Ciência e Tecnologia de Anápolis. É bolsista do IFG - Instituto Federal de Goiás, exercendo a função de professora pesquisadora III/EaD. Contato: nubiad.abreu@hotmail.com.

Tentando estabelecer linhas de contextualização entre movimentos históricos de lutas e considerações às especificidades da escola, sempre chegamos ao fato de, como seres criativos, precisávamos elaborar estratégias metodológicas para abordar os conteúdos dos livros didáticos no chão da escola.

Com essa humilde proposição de tentar estabelecer esse contexto que é trazido à memória, chegamos ao processo da transdisciplinaridade, que é esse que perpassa a escola do campo no campo, e que é confirmado por Nicolescu:

(...) uma educação autêntica não pode privilegiar a abstração no conhecimento. Ela deve ensinar a contextualizar, concretizar e globalizar. A educação transdisciplinar reavalia o papel da intuição, do imaginário, da sensibilidade e do corpo na transmissão dos conhecimentos. (NICOLESCU, 2001, p. 162)

Acreditando em Nicolescu, a transdisciplinaridade:

(...) faz emergir do confronto das disciplinas, novos dados que as articulam entre si e nos oferece uma nova visão da natureza e da realidade. A transdisciplinaridade não busca o domínio de várias disciplinas, mas a abertura de todas àquilo que as atravessa e ultrapassa. (NICOLESCU, 2001, p. 160)

Essa reflexão sobre a transdisciplinaridade é trazida para justificar como a equipe da Escola Classe Córrego Barreiro conseguiu tentar caminhar com o processo de construção significativa da aprendizagem, desenvolvendo um projeto de poesias, considerando as especificidades do campo e das propostas do livro didático, e datas propostas no calendário letivo da SEEDF.

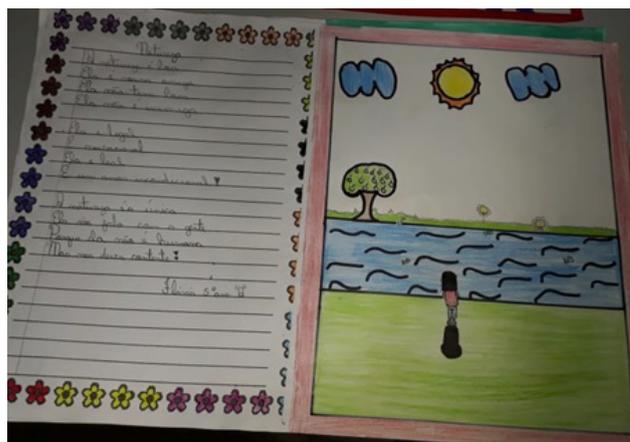
Assim, é muito relevante menciona alguns detalhes do que foi desenvolvido durante o ano, sendo necessário traçar um breve panorama de como a equipe escolar conseguiu considerar a materialidade da premissa principal da educação do campo, que é considerar a “vinculação profunda com as condições de vida do povo brasileiro que vive no campo” (MOLINA, 1988, p. 188).

Nessa perspectiva, nasceu o projeto “Todo dia é dia de poesia”. O objetivo geral desse projeto foi proporcionar aos estudantes diariamente momentos para apreciação, leitura, recitação, elaboração e reflexão de poesias.

Houve o envolvimento de todos na escola, e de todos os ambientes externos, para apreciar e oportunizar o poetizar. Cada uma das turmas da escola foi conduzida pelas professoras, e outros servidores, saindo a campo no campo para selecionarem galhos secos que parecessem com mini árvores, motivados a montar a árvore de cada um dos anos: 2º período, 1º ano A, 1º ano B, 2º ano, 3º ano A, 3º ano B, 4º ano e 5º ano.

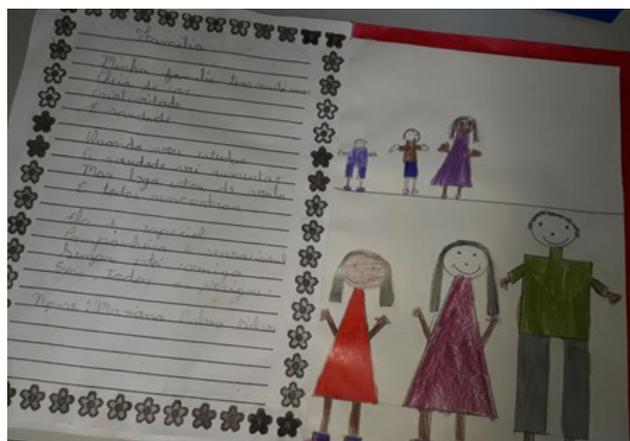
Foram incríveis e criativas as árvores desenhadas penduradas como poesias, como se fossem as folhas, frutos e flores das árvores. Nasceram, assim, poesias escritas de várias formas, apresentadas e fixadas nessas árvores, que levaram ao campo Escola Classe Córrego Barreiro o perfume poético que encanta quem as assiste e quem as lê, ou as recita, assim como o expresso nas Figuras 1 e 2. Não é exagero ressaltar que a equipe escolar explorou quase todo o potencial pedagógico presente sobre o campo. E o ambiente de inserção da escola era o estímulo para que acontecesse a real

Figura 1. Poesia Natureza. Estudante do 5º ano A, matutino. Ilustração.



Fonte: Produção dos alunos.

Figura 2. Poesia Família. Estudante do 5º ano A, matutino. Ilustração.



Fonte: Produção dos alunos.

interação e contribuição da poesia no espaço onde estudam e onde vivem. As poesias nos permitiram que nos reconheçêssemos enquanto cidadãos do mundo.

Cidadãos que refletem e trocam ideias sobre protestos, sobre histórias, sobre todos os conteúdos abordados nos livros, sobre como a violência afeta a vida, independentemente do local onde estamos vivendo e convivendo. Cidadãos que criam poesias de sua autoria, como criaram, dinamizados pela professora, os alunos do 5º ano, autores dos seus sentimentos poéticos.

É importante lembrar-se da gaiola através dessas poesias, que foram libertadas com tanta disposição e emoção. Gaiola esta que percorreu inclusive o curso de formação “Oficinas em Educação do Campo”, uma parceria entre a EAPE e a Coordenação Regional de Ensino do Gama, cujos encontros foram realizados também na Escola Classe Córrego Barreiro.

Foi possível receber a escritora Ana Neila Torquato, autora do encantador livro “Pé de Moeda”. Foi uma sensação na escola! Teve intérprete de libras para apresentar o livro na língua brasileira de sinais, pois, a ocasião também se tratava de data especial do calendário letivo da SEEDF, para tratarmos do tema inclusão.

A experiência revelou que o trabalho com poesias no ambiente da Escola do Campo é adequado e serve a todos os

propósitos e suas especificidades. O que colhemos foram frutos dos objetivos elaborados coletivamente durante as coordenações pedagógicas de forma adequadamente discutida para perceber os propósitos da equipe junto com toda a comunidade local.

Tendo em vista a riqueza das produções, foi possível perceber que as representações por meio do tema da poesia notoriamente abordaram todos os conteúdos da matriz curricular permeado com respeito às especificidades expressas de Escola do Campo no Campo. Tudo esteve ao mesmo tempo em todas as disciplinas, podendo ser observado a partir da vivência de cada um dos discentes, docentes, orientadores educacionais e demais servidores envolvidos, o que materializa a transdisciplinaridade.

Impera, ainda, no âmbito educacional brasileiro uma discrepância considerável entre a “escola do campo” que tanto se quer, e é clamada por alguns pesquisadores da área da educação e a que se apresenta de fato no cenário brasileiro. As discussões nem são tão frequentes quanto deveriam, porém há ainda os que clamam com vozes altivamente convenientes de serem escutadas.

Escutadas porque as demandas existem, e há que se preservarem as especificidades da vida no campo e a organização das unidades escolares que existem nesse campo, ou a essa demanda campesina. O desafio é, por ora, muito complexo de ser explicado nesse espetaculoso cenário.

Acreditando que é possível percorrer com legalidade o campo da educação do campo, podemos começar refletindo sobre as práticas desse chão, o ensinar/aprender, que vai sendo percorrido como em cordas finas de violão, que não tem curvas, porém é tão estreito na visão de tantos profissionais que não se voltam às especificidades, e se prendem aos livros didáticos que fogem aos direcionamentos dos conteúdos da realidade local. E, nessa corda que se pode escorregar, surge inesperadamente profissionais que veem essa corda como mais que uma estreita estrada, veem a possibilidade de cordas cortantes que cortam os “vícios” metodológicos e superam os obstáculos.

Tendo fé na possibilidade do percurso, observamos práticas que podem atender ao chão da educação do campo sendo desenvolvidas em acampamentos e assentamentos dos Movimentos de Trabalhadoras e Trabalhadores Rurais Sem Terra. Desafios para se pensarem a educação do campo e as estratégias necessárias no processo de aprendizagem e estímulos ao protagonismo dos sujeitos que a compõe como exemplo de um

“modelo de agricultura sustentável, em harmonia com o meio ambiente” (ARROYO; FERNANDES, 1999, p. 47).

Como quem se arrisca a “fazer a trilha com a botina”, como diz um querido amigo, sempre que nos aventuramos a percorrer o cerrado por caminhos inexistentes, é preciso saber aonde se quer chegar (mesmo que a decisão seja não chegar a lugar nenhum, apenas apreciar o caminho); é preciso ter um mapa (de papel ou “de cabeça”); alguma sabedoria; e ferramentas essenciais. (BARBOSA, 2012, p. 37)

Assim se segue o caminho das cordas, que tantas vezes ferem o corpo ou os pés com tantos revezes. Que pode encerrar assim, começando...

Escolhi a sombra de uma árvore para meditar
no muito que podia fazer enquanto te esperava.
Quem espera na pura esperança,
vive um tempo de espera qualquer.
Por isso, enquanto te espero,
Trabalharei nos campos
E dialogarei com homens, mulheres e crianças
Minhas mãos ficarão calosas,
Meus pés aprenderão os mistérios dos caminhos,
Meu corpo será queimado pelo sol,
meus olhos verão o que nunca tinham visto,
meus ouvidos escutarão ruídos antes despercebidos
na difusa sonoridade de cada dia.
Desconfiarei daqueles que vinham me dizer
à sombra daquela árvore, prevenidos
que é perigoso esperar da forma que espero
que é perigoso caminhar
que é perigoso falar...
porque eles rechacem a alegria de tua chegada.
Desconfiarei também daqueles que venham me dizer
à sombra desta árvore, que tu já chegaste
porque estes que te anunciam ingenuamente,
antes te denunciavam.
Esperarei por ti como jardineiro
que prepara o jardim para a rosa
que se abrirá na primavera.
(FREIRE, 2000, p. 5)

Referências bibliográficas

- ARROYO, Miguel G; FERNANDES, Bernardo Mançano. **A educação básica e o movimento social do campo**. Brasília: DF. Articulação Nacional por uma educação básica do campo, 1999. Coleção por uma educação básica do campo, nº 2.
- BARBOSA, Anna Izabel Costa. **A organização do trabalho pedagógico na Licenciatura em Educação do Campo/UnB: do projeto às emergências e tramas do caminhar**. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Brasília, 2012.
- ESPINDOLA, Haruf Salmen et al. **Emergência do movimento social no campo**: conflito entre posse e propriedade em Minas Gerais. Anais do XIV Encontro Nacional da ANPUR, Rio de Janeiro, maio de 2011.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Unesp, 2000.

MOLINA, Mônica Castagna. Possibilidades e limites de transformação das escolas do campo: reflexões suscitadas pela licenciatura em Educação do Campo – UFMG. *In*: PEREIRA, Carlos Olavo da Cunha. **Nas terras do rio sem dono**. Rio de Janeiro: Coderi, 1988.

NICOLESCU, Barsarab. **O manifesto da transdisciplinaridade**. 2. Ed. São Paulo. Trion. 2001.

Leitura sugerida

ARROYO, Miguel G. O direito a tempos-espacos de um justo e digno viver. *In*: MOLL, Jaqueline [et al.]. **Caminhos da educação Integral no Brasil**: direito a outros tempos e espacos educativos. Porto Alegre: Penso, 2012.

BRASIL, MEC. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão – SECADI. **Educação do Campo**: Marcos normativos, Brasília: SECADI, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 22. ed. SP: Paz e Terra, 2002.

_____. **Ação Cultural para a liberdade**. 9. ed. SP: Paz e Terra, 2001. Coleção O Mundo, Hoje, vol. 10.

SÁTIRO, Angélica. **Brincar de pensar com crianças de 3 a 4 años**. São Paulo, Ática, 2012.

VYGOTSKY, L. S. **Formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.